

A DEVOLUTIVA DA PESQUISA: COMPROMISSO COM O PESQUISADO E A TÉCNICA DA ABORDAGEM

Isabella de Carvalho Vallin

Sylmara Lopes Francelino Gonçalves-Dias

RESUMO

Este capítulo apresenta experiência de devolutiva de pesquisa para uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis de São Paulo. Refere-se a um questionamento metodológico: como devolver os resultados da pesquisa interdisciplinar de forma que as mulheres se apropriem dos resultados. A metodologia participativa, através de ferramentas do Diagnóstico Rápido Participativo, contribuiu para a realização da proposta. A escolha por uma abordagem participativa na devolutiva se mostrou positiva, possibilitando que as participantes saíssem da posição de ouvintes para uma posição ativa em que construíram a compreensão dos resultados da pesquisa. Além disso, permitiu que surgissem outras interpretações e questionamentos sobre os resultados, ampliando o olhar sobre os dados da pesquisa.

Palavras-chaves: Devolutiva, Metodologia participativa, Mulheres catadoras de materiais recicláveis.

13.1 INTRODUÇÃO

Os aspectos éticos na pesquisa qualitativa incluem a escolha dos sujeitos do estudo, as delimitações metodológicas, as análises dos resultados e o compromisso da devolutiva das informações obtidas (BELL, 2014). Pressupõem ainda o cuidado na construção da relação interpessoal entre pesquisador e pesquisado e a possibilidade ou não da construção conjunta do conhecimento gerado (BELL, 2014). Embora a devolutiva dos resultados de pesquisa seja reconhecida como um processo importante, existe uma lacuna de conhecimento sobre como desenvolvê-la e há poucas experiências compartilhadas sobre essa etapa.

Em função disso, este capítulo busca relatar a experiência de devolutiva de pesquisa feita para uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis. A pesquisa realizada trata-se de dissertação de mestrado intitulada “Gênero e Meio Ambiente: dupla jornada de injustiça ambiental em uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis”. O objetivo da dissertação foi entender as relações entre gênero e meio ambiente no cotidiano das catadoras. Para tanto, procurou-se compreender essa relação a partir dos espaços de moradia e trabalho das mulheres. Ambos os espaços se encontram em um mesmo território, a Favela Jardim das Flores na Zona Leste do município de São Paulo. Por se tratar de um grupo de catadoras de materiais recicláveis residentes em uma favela, os marcadores sociais de origem, classe, raça e gênero se fizeram presentes no processo de análise e influenciaram diretamente os resultados.

Nesse sentido, é preciso ter cuidado ao representar as consequências da pobreza sobre a vida de mulheres e homens da classe trabalhadora (FINE *et al.*, 2006). É necessário que se tenha responsabilidade em direção a uma noção de pesquisa pela justiça social, sendo importante refletir como os pesquisadores falam “dos” e “para os” outros (FINE, *et al.*, 2006). Tendo isso em vista, construir o processo de devolutiva pode ser desafiador, gerando questionamentos: “Como é possível falar sobre as injustiças presentes no dia a dia das catadoras de forma respeitosa, clara, objetiva e dinâmica?” Fazer uma explanação não parece adequado, pois além de serem muitas informações, o conteúdo a ser tratado é delicado.

Fine (*et al.*, 2006) apresentam uma série de indagações a serem feitas para que os pesquisadores reflitam sobre a construção de suas análises sociais. Uma dessas perguntas é: “alguns dos informantes/participantes revisaram comigo o material e interpretaram, discordaram, desafiaram minha interpretação?”. Não foi possível realizar essa etapa na construção da pesquisa, mas parecia oportuno fazê-lo durante seu processo posterior, na devolutiva. Foi a partir dessas

reflexões que se deu a busca por metodologias participativas, para que se possibilitasse múltiplas interpretações sobre os dados apreendidos.

As metodologias participativas têm como princípio a inserção de todos os atores envolvidos nos problemas que se pretende discutir e prospectar (THIOLLENT, 1992). Esse envolvimento ocorre de maneira variada e com diferentes intensidades. Essas metodologias se fundamentam na crítica social das práticas científicas convencionais e de seus aspectos de dominação ou extorsão do saber popular (THIOLLENT, 1992).

Dentre as opções de metodologias participativas, optou-se pelas ferramentas utilizadas no Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), metodologia de pesquisa qualitativa que adota um processo metodológico empírico em que pesquisadores e participantes estão envolvidos de forma colaborativa na construção de um diagnóstico. Comumente, como o próprio nome diz, o DRP é utilizado para a construção de diagnósticos de extensão e/ou pesquisa. Apesar do objetivo da oficina devolutiva não ser o de um diagnóstico, pensou-se que esse método seria importante para a construção do olhar das mulheres catadoras na identificação e composição da problemática de seus cotidianos. Nesse sentido se reconhece que a utilização do DRP na etapa da devolutiva foi uma abordagem exploratória.

A devolutiva foi gravada, gerando um áudio de 1h 51m 02s. A transcrição não foi feita em sua totalidade. Foram selecionados os tópicos a serem discutidos e os trechos a serem transcritos. O capítulo não tem a pretensão de analisar as falas retratadas, mas de apresentar, como um relato de experiência, a dinâmica da oficina podendo contribuir para outras propostas semelhantes.

Importante ressaltar que o acompanhamento da cooperativa aconteceu durante um período de três anos. Foi durante o envolvimento da pesquisadora na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP USP), um programa de extensão universitária, que ocorreu a aproximação com a Cooperativa das Rosas. No decorrer da incubação do empreendimento que surgiu o interesse de se realizar pesquisa com o grupo. Portanto, houve concomitantemente um processo de extensão e pesquisa, o que foi crucial para estabelecer a convivência e os laços de confiança.

Foram partilhados os conflitos internos entre as lideranças; a crise financeira em que a cooperativa quase se extinguiu e; os vários momentos de alegria e conquista. Sem dúvidas o princípio de ética e responsabilidade na pesquisa influenciou a decisão por realizar a devolutiva. Entretanto, ela só se concretizou pelo vínculo estabelecido entre a pesquisadora e as cooperadas. Por isso, há que se destacar que não houve neutralidade na condução do estudo e também na

devolutiva. O afeto foi o principal motivador para que o retorno da pesquisa acontecesse e o que influenciou a escolha metodológica da oficina de devolutiva.

13.2 A DEVOLUTIVA

Um dos primeiros questionamentos foi o local onde a oficina poderia ser realizada. A cooperativa não oferecia estrutura suficientemente adequada para a proposta, como mesas e cadeiras. Na ocasião, o projeto de pesquisa Santander EACH-USP/FAUUSP estava se iniciando e dispunha de recursos a serem utilizados com transporte e alimentação para as catadoras. Nessa oportunidade, as coordenadoras do projeto sugeriram realizar um evento em que a devolutiva acontecesse no período da manhã e à tarde, houvesse apresentação das propostas a serem desenvolvidas pelos novos estudantes que iriam realizar suas iniciações científicas na cooperativa. Seria um momento de transição no grupo de pesquisa e uma oportunidade de integração com as catadoras. Assim, a oficina “Compartilhando Saberes” aconteceu na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP.

Quatro meses após a defesa da dissertação, em 03 de março de 2017, foi feita a devolutiva. Nessa ocasião, além das dezesseis mulheres que foram entrevistadas ao longo da pesquisa, havia dois homens atuando no grupo, os quais também estiveram presentes. Também se encontravam as coordenadoras do grupo e os alunos de graduação e pós-graduação que faziam parte do projeto de pesquisa.

Inicialmente houve uma contextualização e resumo da experiência de extensão e pesquisa na cooperativa. Foi feita breve linha do tempo em que as mulheres contribuíram com as lembranças de acontecimentos. Em seguida foi apresentado o objetivo da oficina e trabalhado dois conceitos principais: risco e segurança. Definido em conjunto a compreensão dos conceitos, pediu-se que as cooperadas e cooperados se dividissem em quatro grupos, em que dois desenhariam a favela onde viviam e dois, a cooperativa. Esse exercício foi baseado na ferramenta “mapa falado”.

13.2.1 Mapa falado

O Mapa Falado se caracteriza como um desenho representativo do espaço ou território que está sendo discutido. Essa ferramenta permite a identificação de elementos da realidade de forma ampla. Por ser uma representação imagética, facilita a correlação entre os aspectos naturais aos sociais. Seu objetivo vai além ao da construção esquemática em si, compreende a interpretação que os sujeitos dão ao seu cotidiano, permitindo o levantamento de problemas e estratégias de solução.

Figura 13.1 - Cooperadas e Cooperados fazendo mapa falado



Fonte: Vallin, 2016.

Após concluírem os mapas dos espaços de moradia e trabalho, foi questionado se existiam riscos e, caso houvesse, que os acrescentassem. Em seguida cada grupo apresentou e explicou seus retratos. O primeiro grupo a se apresentar representou a favela. O desenho foi marcado por suas habitações e a vegetação presente próxima a elas.

Figura 13.2 - Desenho da Favela grupo 1



Fonte: Vallin, 2016.

A presença de flores e árvores teve um significado simbólico importante. As integrantes disseram que a presença dessa vegetação tornava o lugar de moradia mais bonito. Além disso, uma delas desenhou dois corações se cruzando e escreveu dentro deles “amor ao próximo”. Para a cooperada esse é um valor importante que existe entre os moradores e que todos precisam sempre reforçar. Foi marcante a ênfase em que essas pessoas deram nos valores estéticos positivos da paisagem e nas relações entre os indivíduos, o que aparentemente se relaciona com seus sentimentos de pertencimento.

Quando questionado sobre os possíveis riscos existentes na favela, o grupo destacou a presença dos ratos, as casas embaixo das torres de alta tensão e os jovens empinando pipa próximo aos fios da rede elétrica. Foi expresso brevemente as problemáticas dando maior enfoque à presença dos ratos, que afirmam ser o vetor de doenças que há em maior quantidade.

Já o segundo grupo fez uma descrição mais geral do território identificando seus pontos principais: o campinho, o escadão, a escola, a creche, a igreja, as vielas e as moradias. Nenhum dos integrantes fez menção a algum aspecto positivo, todos destacaram os riscos existentes.

Figura 13.3 - Desenho da Favela grupo 2



Fonte: Vallin, 2016.

Os riscos mencionados foram: “o esgoto a céu aberto com um monte de lixo, a presença dos ratos, as caçambas cheias e com os sacos espalhados pela rua”. Também disseram haver “uma casa amontoada em cima da outra, porque isso

também tem risco” (J.D.R). Além disso, realçaram o fato de alguns moradores queimarem fios para obtenção de cobre próximo às casas, o que “gera fumaça preta ruim para a saúde”. Por fim, citaram o fato de haver perigo de desabamento com as chuvas e o risco de descargas elétricas por conta da proximidade com as torres e fios de alta tensão. O que chamou mais a atenção na apresentação desse grupo foi o conhecimento amplo sobre os riscos aos quais estão expostos.

Foi interessante perceber a variação de interpretação entre os dois grupos. Enquanto um ressaltou os aspectos positivos, focando o desenho em suas próprias habitações, o segundo fez algo mais global do território deixando evidente suas problemáticas. Uma das variantes observadas foi a conformação dos grupos, o primeiro foi formado por um homem e quatro mulheres com idades entre 45 e 63 anos. Já o segundo foi composto por um homem e quatro mulheres com idades entre 19 e 35 anos. Acredita-se que a diferença geracional tenha colaborado para as diferentes perspectivas. Durante as entrevistas verificou-se que as mulheres com o maior tempo de residência na favela acompanharam sua transformação. Apesar das dificuldades que vivenciam atualmente, no passado as condições foram ainda mais árduas, possibilitando a elas um sentimento de avanço e de reconhecimento das melhorias na condição de vida, o que pode ajudar a entender a diferença de visões entre os grupos.

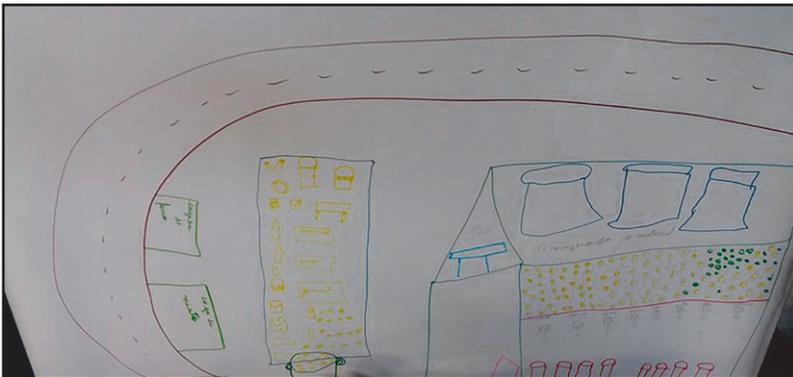
Sobre a cooperativa, os dois grupos que ficaram responsáveis por esse tema fizeram identificações semelhantes quanto à descrição do espaço e riscos existentes. Ambos destacaram principalmente o risco envolvido ao manuseio dos materiais e a existência de agulhas em seu meio. Também foi destacado a presença de ratos e pombos, que podem propiciar diversas doenças, e o acúmulo de rejeito. O principal problema que relataram se relaciona aos vidros, todas mencionaram terem cortes por conta dos cacos de vidro espalhados pela cooperativa, mas principalmente presentes no processo de deslocamento e triagem dos materiais.

Figura 13.4 - Desenho da Cooperativa grupo 3



Fonte: Vallin, 2016.

Figura 13.5 - Desenho da Cooperativa grupo 4



Fonte: Vallin, 2016.

Após a apresentação dos quatro grupos, a pesquisadora tomou a palavra e fez o comparativo com os resultados que encontrou na pesquisa, estando todos alinhados com o que as catadoras e catadores trouxeram na oficina. Durante o aprofundamento dos riscos identificados, a discussão sobre a favela se centrou no risco das torres de alta tensão. Os participantes trouxeram novas informações que não fizeram parte da pesquisa, relatando que um barraco pegou fogo devido à descarga elétrica e que houve uma movimentação da prefeitura dizendo que iriam remanejar os moradores que vivem exatamente abaixo dessas linhas, mas

que isso nunca foi feito. Uma das catadoras também trouxe a informação de já ter, inclusive, havido uma morte por conta disso. De acordo com ela, um jovem subiu na torre e sofreu uma descarga elétrica vindo a falecer. Finalizando esse tópico, outra cooperada disse:

“Se o cabo solta e cai no chão dá descarga elétrica em todo mundo que está ao redor, mas muita gente não sabe o perigo que corre, né? Eu já fiz parte da brigada de incêndio, eu entendo um pouco. Eu falei para as pessoas que moram lá que é perigoso, que eles tinham que sair, mas o povo continua.” (J.D.R).

Também houve o aprofundamento da discussão sobre os riscos ergonômicos associados à atividade na cooperativa e que não foram citados durante a oficina. Sobre isso, uma das cooperadas disse:

“Isso que você falou sobre dores musculares ou machucados internos a gente só sente depois de um tempo ou quando vai no médico. A gente pensa que é uma dor, mas que não é nada, mas vai se agravando e agravando. Então a gente fala muito de corte porque a gente vê na hora, cortou, machucou. E o que você falou é real mesmo, eu tô com um problema no joelho, e eu desconfeiei agora que é por conta do peso no trabalho.”(V.S)

A partir do mapeamento e debate dos riscos no lugar de moradia e trabalho, foi questionado o que as pessoas entendiam sobre injustiça e se elas achavam que vivenciavam isso no seu cotidiano, ao que foi dito: “Injustiça é quando alguém sofre uma coisa sem ter feito nada de errado”, “(...) Que nem as pessoas que vem e jogam lixo aqui, só porque aqui é favela elas acham que podem jogar o lixo delas aqui. Vem um monte de gente com o carro e despeja tudo aqui. Eu acho que isso é injusto, porque elas não são daqui então por que o lixo delas tem que ficar aqui?”. Com essas falas foi construído a noção de injustiça ambiental¹ em que as mulheres e homens concordaram existir.

Em seguida, a primeira parte da oficina foi encerrada com um questionamento: “Existe diferença desses riscos identificados para homens e mulheres?” Todos os participantes responderam que o problema é igual para todos e afetam da mesma forma independente de quem seja, pois todos vivem na mesma favela e têm o mesmo trabalho. Para iniciarmos o debate sobre isso foi proposta outra atividade.

¹ Injustiça ambiental pode ser entendida como “(...) condição de existência coletiva própria a sociedades desiguais onde operam mecanismos sociopolíticos que destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, segmentos raciais discriminados, parcelas marginalizadas e mais vulneráveis da cidadania”. (ACSERALD *et.al.*, 2004, p.17).

13.2.2 Rotina diária

A Rotina diária tem por objetivo compreender a divisão de tarefas entre homens e mulheres. A ferramenta é específica para análise de gênero, buscando evidenciar as contradições contidas nas diferentes rotinas. A proposta é dividir um grupo de mulheres e um de homens e cada um desenhar um relógio identificando nas horas a atividade que é desenvolvida, desde o momento que acorda até o de dormir. Em seguida, realizar a comparação entre as rotinas.

No caso da oficina de devolutiva, como a maioria eram mulheres pediu-se para que nos grupos que não houvessem a presença de homens pensasse na rotina das figuras masculinas da família, como o companheiro, filhos, irmãos, para que fosse possível a elaboração dos dois relógios. Como já havia sido feita uma atividade de desenho anteriormente, as participantes preferiram fazer em formato de agenda, colocando as horas e escrevendo as atividades ao lado.

Figura 13.6 - Rotina diária grupo 1



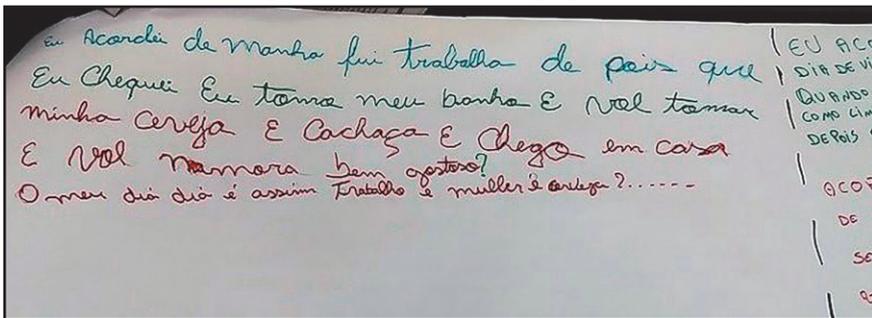
Fonte: Vallin, 2016.

Foi contrastante a diferença entre as rotinas. Todas as mulheres concordaram ter um cotidiano semelhante, sendo descrito basicamente como:

“Gente, essa é a realidade de muitas mulheres. A gente acorda às 06h, acorda as crianças para ir para a escola, porque a maioria não tem só um filho, tem pelo menos três ou quatro, então não dá pra levar todos, porque é muita criança. Os maiores vão sozinhos e a gente leva os menores. Daí às 07h a gente chega na cooperativa e vai trabalhar, às 09h a gente toma café da manhã na cooperativa e meio dia a gente almoça, depois volta a trabalhar. Quando é 16h a gente se ajeita pra ir pra casa. Chega umas 16h15 e vai lavar ou passar roupa, arrumar a casa, fazer a janta. Quando dá quase 18h a gente vai buscar as crianças na escola. Todo mundo janta e já tá aquela bagunça com todas as crianças em casa. Daí já vamos dar banho e arrumar as bolsas pra escola no dia seguinte. Se as 23h não tiver nenhum ‘BOZINHO’, se não tiver criança chorando, outro discutindo, a gente dorme, mas sempre acontece alguma coisa e a gente sempre acaba indo dormir mais tarde. Uma hora a gente finalmente dorme.”(V.S)

Complementando a rotina anterior, outra cooperada acrescentou: “E durante o final de semana a gente tenta terminar o que não conseguiu durante a semana inteira, tipo, com os cuidados da casa. As vezes a gente consegue tirar umas horinhas para o lazer”. Em relação às rotinas masculinas, os dois homens presentes também apresentaram um dia a dia semelhante, um deles resumiu: “Levanto às 05h30, chego às 07h na cooperativa. Passo o dia na rua fazendo as coletas dos materiais. Saio às 16h e às vezes, se eu quiser, eu ajudo minha mulher em casa, se não, eu vou para o bar, bebo, jogo uma sinuquinha com os amigos, daí vou pra casa e descanso”. Podemos observar a rotina do outro cooperado abaixo:

Figura 13.7 - Rotina diária grupo 2



Fonte: Vallin, 2016.

Após a apresentação dos grupos, foi questionado se havia alguma diferença entre a rotina das mulheres e dos homens. As mulheres, bem enfáticas, responderam: “Tem injustiça”. “Você viu? Se o homem quiser, ele ajuda [em casa], se ele não quiser, ele sai. A mulher não tem isso. Ela tem que fazer e tem que fazer”. “E o homem ainda reclama, chega e fala ‘Ainda não tem janta?’ ‘Nossa, essa roupa tá no varal virando churrasco?’”.

A partir disso houve uma série de questionamentos para o aprofundamento do debate: “O envolvimento do homem nas tarefas domésticas, é de fato, uma ajuda? Ou deveria ser uma responsabilidade?” “Os cuidados com a casa e com os filhos podem ser considerados como trabalho?” “Existe uma sobrecarga do trabalho doméstico para as mulheres?”. Sobre isso surgiram algumas das seguintes falas: “Não devia ser ajuda, é obrigação, mas os homens não entende assim, né? As vezes nem as mulheres entende”, “Cuidar da casa é trabalho, sim. A gente só não ganha, mas trabalha muito”, “Quem fica em casa trabalha mais do que quem está trabalhando fora. Não recebe nada e trabalha mais porque não tem hora pra acabar”. A partir disso, foi entendido que as mulheres têm dois trabalhos, um na casa (reprodutivo) e outro fora de casa (produtivo).

Após esse primeiro debate, foi apresentado o resultado que a pesquisadora sistematizou com o tempo estimado gasto pelas catadoras e seus companheiros no trabalho produtivo e reprodutivo.

Tabela 13.1 - Médias de horas diárias dedicadas ao trabalho produtivo e ao trabalho reprodutivo por mulheres catadoras e seus cônjuges

Trabalho reprodutivo (horas/dia)		Trabalho produtivo (horas/dia)	
Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
5	0,6	8	9

Fonte: Vallin, 2016.

Foi consensuado entre todos, inclusive com os homens presentes, que há uma desigualdade na distribuição das tarefas domésticas entre os homens e as mulheres e que isso acaba por gerar uma injustiça para as mulheres.

13.2.3 Dupla Jornada de Injustiça Ambiental

A terceira parte da oficina foi o cruzamento entre a primeira e a segunda atividade. Todos os desenhos foram pregados na lousa e houve o seguinte diálogo:

Pesquisadora: Eu fiquei curiosa com uma coisa, a maioria dos homens trabalham dentro ou fora da favela?

Cooperadas (os): Fora!

Pesquisadora: E eles passam a maior parte do tempo no trabalho?

Cooperadas (os): Das 07h as 17h30 -18h

Pesquisadora: Então quem passa o maior tempo na favela?

Cooperadas: Nós [mulheres]

Pesquisadora: E vocês inclusive trabalham na favela?

Cooperadas: Sim

Pesquisadora: Então vocês passam o dia todo na favela?

Cooperadas: Sim, o dia todo, final de semana, a gente quase nunca sai

Pesquisadora: Então, vamos voltar e olhar aqui para os mapas que vocês fizeram. Eu tinha perguntado se vocês achavam que tinha diferença dos riscos entre as mulheres e os homens, e agora? O que vocês acham?

Cooperado homem: Não, porque quem tá fora também corre risco, de morrer atropelado, de cair no serviço, de bater o carro

[Alvorço. As mulheres vão]

Pesquisadora: Calma, vamos voltar aqui. Certo, mas pensando nos riscos que nós identificamos aqui, na favela? Retomando esses riscos, vocês acham que tem diferença entre os homens e as mulheres?

Cooperada mulher 1: Existe, por conta de todos os riscos na favela e também por conta de que o homem fora tem mais oportunidades e as mulheres acabam ficando presa, não tem tanto conhecimento, em questão de tudo. Em questão de trabalho, de convivência, educação, tudo, a gente só fica aí dentro, então a gente não tem condições de ver o mundo de fora. A gente não enxerga o mundo com os olhos de fora. É todo dia essa mesma coisa, tudo que tá acontecendo, é a polícia, é esgoto, é criança, é fogo, é tudo. Então a gente fica muito com os olhos na comunidade. Os homens não, conhecem um parceiro ali, conhece um primo que arruma um emprego melhor pra ele, arruma um curso pra ele fazer, diz: “Ó, vai estudar”, tem mais incentivo. A mulher não, a mulher fica aí, porque é o nosso mundo na verdade, a gente não consegue olhar pra fora. E isso é injustiça.

Cooperada mulher 2: É, e tipo assim, se o homem fica desempregado ele não fica entuchado dentro de casa, ele sai, vai pra rua procurar alguma coisa pra fazer, vai jogar bola, vai pro bar, então não corre tanto risco. A mulher, não. Ela fica em casa cuidando dos filhos, então tem mais risco, porque ela tá lá o tempo todo. Até as escolas das crianças é aqui ao redor, então quer dizer, a gente tá o tempo todo aqui nos riscos.

Pesquisadora: Pois é, os estudos que eu li, mostram exatamente isso que vocês estão dizendo. Que as mulheres correm mais risco porque estão mais tempo expostas a eles. Por exemplo, se acontecer um deslizamento. Quem sofre mais risco? Vamos supor que ele aconteça de dia, já que não tem como prever. Quem sofre mais risco?

Cooperada mulher 1: As mulheres, mas pra você ver, se acontecer na cooperativa, a gente que sofre mais porque os homens tão no caminhão fazendo coleta. Então quer dizer, a gente sofre mais risco em tudo. Só vai chegar eles lá, cadê as meninas?

[Risadas]

Pesquisadora: Isso é muito importante. Então não existe diferença dos riscos só na favela? Também existe diferenças na cooperativa?

Cooperada mulher 3: Sim, porque todo homem que tá na cooperativa tá trabalhando na rua. Nenhum homem fica fazendo o que a gente faz, não fica, vai embora.

(...)

Pesquisadora: Como vocês falaram existem essas diferenças, existe a injustiça ambiental que vimos na favela e existe a injustiça para as mulheres. O que eu percebi na pesquisa foi isso, que vocês estão expostas a duas injustiças, a uma injustiça dupla. Uma injustiça que vem do trabalho na casa, por conta dessa responsabilidade vocês ficam mais tempo na favela e acabam ficando mais tempo expostas a esses riscos. E outra injustiça que vem do trabalho na cooperativa, vocês acabam sendo maioria por conta das dificuldades que vocês falaram, de acesso a educação, tem mais dificuldade para conseguir outros trabalhos, precisam ficar perto dos filhos e acabam indo para a cooperativa e ficando expostas aos riscos de lá também.

[Silêncio]

O momento de construção da percepção da ‘dupla jornada de injustiça ambiental’ ao qual as catadoras estão expostas foi de tensão. Houve um silêncio profundo. Esse foi um momento desafiador para a pesquisadora. Após uma pausa para que as mulheres pudessem refletir, para finalizar a oficina foi falado

da existência do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e a sua importância na articulação para a melhoria da categoria. Em seguida foi passado um vídeo de 5 min com falas de lideranças mulheres de catadoras que participavam de encontro dessas trabalhadoras. As falas no vídeo valorizavam a luta das mulheres e mostravam a importância das catadoras se organizarem e estarem unidas.

A escolha por encerrar a oficina dessa maneira se deu para que o sentimento final não fosse sobre as injustiças, mas sobre a resistência, a luta possível de ser desenvolvida e a articulação já existente de mulheres catadoras. Além disso, entendeu-se que seria importante que a fala sobre engajamento político viesse de outras catadoras. Na impossibilidade de lideranças mulheres do MNCR estarem presentes, optou-se por passar o vídeo com essas falas. Após o término do vídeo, a pesquisadora agradeceu a presença de todas e entregou a pesquisa impressa à presidente da cooperativa.

13.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por se construir a devolutiva com uma metodologia participativa através de ferramentas do DRP se mostrou positiva. Essa escolha possibilitou que as participantes saíssem da posição de ouvintes para uma posição ativa em que construíram em conjunto, através das atividades e debates, a compreensão dos resultados da pesquisa. Nesse sentido, a contribuição das ferramentas se deu por favorecer a autonomia de pensamento e percepção sobre as problemáticas. Ainda que a pesquisadora tenha mediado os debates, sua condução trouxe questionamentos direcionadores, mas não respostas. Os resultados da pesquisa eram apresentados após as considerações geradas pelos participantes da oficina, com a intenção de aprofundar e trazer alguns elementos não discutidos.

Além disso, a metodologia adotada permitiu que surgissem outras interpretações e reflexões sobre os resultados, ampliando o olhar sobre os dados da pesquisa. Durante o debate surgiram questionamentos se há mais momentos de lazer para os homens ou para as mulheres, se existe a mesma chance para os dois em conseguir terminar os estudos e se existem as mesmas oportunidades de trabalho. Esses questionamentos levaram ao aprofundamento do debate sobre as diferenças de gênero, fortalecendo a oficina.

Em alguns momentos houve tensões, pois as mulheres tiveram uma interpretação diferente da pesquisadora referente a algumas injustiças. As catadoras assumiram a culpa pela trajetória de suas vidas em relação a abandonar os

estudos e terem tido filhos muito jovens, como se não tivessem havido outros elementos que as levaram a isso. Além disso, se responsabilizaram, e a comunidade de moradores, pela quantidade de lixo nos rios e nas vielas da favela. Essa perspectiva surpreendeu a pesquisadora. Houve a discussão sobre esses aspectos, mas não se chegou a um consenso. Identificou-se a necessidade de outros espaços para a continuidade das discussões e especialmente para se discutir as responsabilidades sobre as problemáticas identificadas e possíveis estratégias de soluções. Nesse sentido, o DRP contribui não apenas para a devolutiva, mas também para auxiliar a identificar os próximos passos a serem desenvolvidos. A partir dessa experiência, sugere-se a utilização das ferramentas do DRP nos processos de devolutiva de pesquisa.

13.4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, L. Ethics and Feminist Research *In*: HESSE-BIBER, Sharle N. *Feminist Research Practice: A primer*. United States of America: Sage Publications. Boston College. 2 ed, 2014.

FINE, M; WEIS, L; WESSEN E LOONMUN, W. *Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais* *In*: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução. 2ªed., Porto Alegre: Artmed, p.432, 2006.

VALLIN, I.C. Gênero e Meio Ambiente: dupla jornada de injustiça ambiental em uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis. *Dissertação* (Mestrado em Ciência Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental. Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. São Paulo, 152fls, 2016.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

